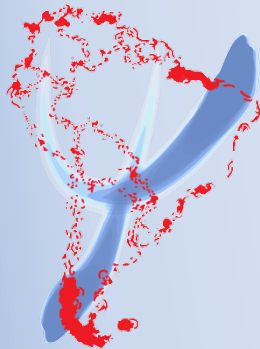


INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO: ESTUDO DA CAPACIDADE DE PERCEPÇÃO E CONHECIMENTO DE EMOÇÕES

Emotional intelligence and exchange experience: Study of the ability of emotional perception and knowledge

La inteligencia emocional y la experiencia de cambio: Estudio de la capacidad de percepción y conocimiento emocional

Fabiano Koich Miguel – *Universidade Estadual de Londrina*
Laíla Albuquerque Lemos – *Universidade Estadual de Londrina*
Adriana Cristina Flausino – *Universidade Estadual de Londrina*
Filipe Felix Ermel – *Universidade Estadual de Londrina*
Jéssica Mariel Martins – *Universidade Estadual de Londrina*
Lucas Ribeiro da Silva – *Universidade Estadual de Londrina*



Endereço para correspondência:

Fabiano Koich Miguel
Departamento de Psicologia e Psicanálise – Centro de Ciências
Biológicas. Universidade Estadual de Londrina
Campus Universitário – Caixa Postal 10011
86057-970 Londrina-PR
fabiano@avalpsi.com.br

Fabiano Koich Miguel

Psicólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com mestrado e doutorado em avaliação psicológica pela Universidade São Francisco. Professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina. Professor convidado da Università degli Studi di Torino (2015-2016).

Laíla Albuquerque Lemos

Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina.

Adriana Cristina Flausino

Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina.

Filipe Felix Ermel

Psicólogo pela Universidade Estadual de Londrina.

Jéssica Mariel Martins

Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina.

Lucas Ribeiro da Silva

Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina.

Resumo

A presente pesquisa focou em duas capacidades da inteligência emocional que são consideradas mais cognitivas: percepção das expressões emocionais nos outros e compreensão de como as emoções se misturam e se alteram ao longo do tempo. Essas capacidades foram avaliadas em 32 pessoas que realizaram intercâmbio cultural, utilizando um teste de percepção de emoções e um questionário de relato das experiências. Não foram encontradas correlações significativas entre as capacidades emocionais e o nível das experiências no intercâmbio, sugerindo que outras características psicológicas devem estar influenciando na adaptação, além dos aspectos cognitivos. Além disso, encontrou-se que pessoas que têm mais dificuldade de perceber expressões de desagrado (nojo) tenderam a relatar experiências interpessoais mais positivas. Resultados mais específicos e limitações do estudo são discutidos, sugerindo direções para futuras pesquisas.

Palavras-chave: inteligência emocional; intercâmbio cultural; expressões faciais.

Abstract

This research focused on two abilities of emotional intelligence that are considered more cognitive: perception of emotional expressions in others and understanding of how emotions can blend and change over time. These abilities were assessed in 32 people that participated in cultural exchanges, using test of emotional perception and a questionnaire of experiences. There were no significant correlations between emotional abilities and the level of experience in exchange, suggesting that other psychological characteristics should be influencing the adaptation, beyond cognitive aspects. In addition, we found that people who have more difficulty in seeing expressions of unpleasantness (disgust) tended to report more positive interpersonal experiences. More specific results and limitations of the study are further discussed, suggesting directions for future research.

Keywords: emotional intelligence; cultural exchange; facial expressions.

Resumen

La presente investigación se focaliza en dos capacidades de la inteligencia emocional que son consideradas más cognitivas: percepción de expresiones emocionales en otros y comprensión de cómo esas emociones se mezclan y alteran a lo largo del tiempo. Esas capacidades fueron evaluadas en 32 personas que participaron en experiencias de intercambio cultural, se utilizó un test de percepción de emociones y un cuestionario de relato de experiencias. No fueron encontradas correlaciones significativas entre las capacidades emocionales y el nivel de las experiencias de intercambio, lo que sugiere que otras características psicológicas pueden influenciar en la adaptación más allá de los aspectos cognitivos. Además se encontró que las personas que tenían más dificultades en percibir expresiones de desagrado (enojo) tendían a relatar experiencias interpersonales más positivas. Resultados más específicos y limitaciones del estudio son discutidos, sugiriendo directrices para futuras investigaciones.

Palabras-clave: inteligencia emocional; intercambio cultural; expresiones faciales.

Introdução

O conceito de inteligência emocional diz respeito à capacidade de utilizar as emoções de maneira adaptativa com o propósito de promover o desenvolvimento pessoal e social. Proposta por Salovey e Mayer no começo da década de 1990 (Salovey & Mayer, 1990), essa capacidade vem sendo pesquisada internacionalmente a fim de se compreender seu funcionamento. Modelos chamados mistos (Caruso, Salovey, Brackett, & Mayer, 2015) incluem aspectos como motivação, autoestima e otimismo, normalmente baseados em autores como Goleman (1995). Já os estudos baseados no modelo original tendem a enxergar a inteligência emocional apenas como uma capacidade cognitiva, ou seja, de raciocínio (Mayer, Salovey, Caruso, & Cherkasskiy, 2011).

O modelo de Salovey e Mayer propôs a divisão desse construto psicológico em quatro capacidades ou áreas menores: percepção, facilitação, compreensão e gerenciamento. Na primeira área estaria a capacidade de perceber adequadamente as expressões emocionais, tanto em si mesmo quanto nos outros; na segunda, a capacidade de utilizar estados de humor para facilitar alguma tarefa, como escutar música agradável enquanto executa um trabalho; na terceira, a capacidade de perceber que as emoções se mesclam e transitam de um estado para outro ao longo do tempo, como uma surpresa com um evento inesperado que pode aos poucos se tornar tristeza pelo valor negativo e, aos poucos, decepção; e na quarta, a capacidade de utilizar as informações das três áreas anteriores para administrar os próprios estados emocionais e das outras pessoas (Mayer & Salovey, 1999; Mayer et al., 2011).

Porém, os próprios autores (Mayer et al., 2011) consideram que a quarta área seria a menos “cognitiva” delas, havendo maior interação com e influência de

características de personalidade. Já em relação às outras áreas, existe um conjunto de evidências empíricas confirmando que se tratam de capacidades intelectuais, especialmente as áreas de percepção e de compreensão, demonstrando os maiores índices de correlação com outras medidas de inteligência (Cobêro, Primi, & Muniz, 2006; Jesus Jr. & Noronha, 2007; MacCann, Joseph, Newman, & Roberts, 2014; Miguel, Ogaki, Inaba, & Ribeiro, 2013; Zeidner, Shani-Zinovich, Matthews, & Roberts, 2005), o que tem levado à identificação dessas duas áreas da inteligência emocional como sendo as mais relacionadas ao desempenho cognitivo.

Diversas pesquisas foram conduzidas buscando analisar a relação da inteligência emocional com inteligência e personalidade, confirmando a associação com medidas de raciocínio e a divergência de traços de personalidade (por exemplo, Dantas & Noronha, 2006; MacCann, et al., 2014; Mayer, Roberts, & Barsade, 2008; Miguel, Finoto, & Miras, 2013; Muniz & Primi, 2008; Woyciekoski & Hutz, 2010). Além da relação com esses construtos, algumas pesquisas também buscaram compreender com quais características de vida essa capacidade está relacionada. Por exemplo, em uma amostra de estudantes universitários americanos, a inteligência emocional mostrou-se relacionada a interações sociais positivas e maior cuidado com a aparência, assim como menor uso de drogas e álcool, comportamentos antissociais e dificuldades nos relacionamentos (Brackett, Mayer, & Warner, 2004).

Em uma meta-análise que incluiu 19 pesquisas, foi estudada a relação de inteligência emocional com agressividade (García-Sancho, Salguero, & Fernández-Berrocal, 2014). Os autores concluíram que existem indicadores suficientes demonstrando que maiores níveis de inteligência emocional estão associados a menor frequência de comportamentos agressivos, mesmo entre diferentes culturas e faixas

etárias. Outras pesquisas também evidenciaram que maior inteligência emocional está relacionada a melhor saúde mental e bem-estar (Burrus et al., 2012; Lanciano & Curci, 2014), a menor estresse de atletas (Laborde, Brüll, Weber, & Anders, 2011), a melhor desempenho no trabalho (O'Boyle, Humphrey, Pollack, Hawver, & Story, 2011), a imagem corporal positiva (Swami, Begum, & Petrides, 2010), a preferência por vídeo games de socialização e cooperação do que competição (Herodotou, Kambouri, & Winters, 2011), entre tantos outros.

Nos estudos levantados anteriormente, as relações frequentemente são com uma pontuação geral de inteligência emocional, ou então escalas menores de instrumentos de modelos mistos, e em níveis baixos de magnitude, com índices de correlação normalmente não ultrapassando 0,30. Portanto, ainda não está clara qual a contribuição exata de cada uma das áreas de inteligência emocional para o desempenho pessoal e social.

Além disso, um aspecto de vida que ainda não foi estudado em pesquisas com inteligência emocional é a adaptação em intercâmbio cultural. O intercâmbio seria a saída de uma pessoa, normalmente de seu país para outro, com o intuito de aprender um idioma, trabalhar e/ou estudar, propiciando troca de experiências entre povos, culturas e conhecimentos de uma área específica, além de possibilitar o aprimoramento (ARI, n.d.; COI, 2013; Dalmolin, Pereira, Silva, Gouveia, & Sardinheiro, 2013).

Os intercâmbios culturais surgiram na era antes de Cristo, na República Romana, onde jovens importantes de uma determinada sociedade iam para outra com o propósito de aprimorar seus estudos (por exemplo, jovens romanos iam a Grécia). Quando voltavam, contribuíam para o avanço do Império, empregando o que tinham aprendido em outros lugares. Vários filósofos também realizaram intercâmbio, como Kant,

Rousseau e Fichte, pois essa atividade era considerada como educação elementar para quem quisesse contribuir para um mundo pacífico. Em 1754, um diplomata suíço levou professores de vários países para fazer intercâmbio, alegando que a responsabilidade de manter a segurança e paz nas nações estava delegada a quem tivesse vivências internacionais, sendo capazes de modificar sua forma de enxergar o mundo (Sebben, 2007).

Atualmente, entende-se o intercâmbio não apenas como uma atividade de educação formal, mas também como uma possibilidade de experiência de relacionamento com outras pessoas, aquisição de novas amizades, tolerância e entendimento entre culturas diferentes (Dalmolin et al., 2013; Sebben, 2007). Por esse motivo, levanta-se a hipótese de que a inteligência emocional esteja relacionada a uma experiência mais adaptada de intercâmbio. Levando-se essas informações em conta, e buscando uma maior compreensão da relação entre áreas mais cognitivas da inteligência emocional e as experiências de intercâmbio, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar as áreas de percepção e compreensão em indivíduos que participaram de intercâmbios culturais, verificando se o relato de experiências mais adaptadas estaria relacionado a maiores níveis de capacidade emocional.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 32 pessoas que haviam realizado intercâmbio no exterior e retornaram ao Brasil. A média de idades foi 20,18 (DP=5,67), sendo 25 (78,1%) do sexo feminino.

Instrumentos

Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias (PEP)

O PEP é um instrumento informatizado que apresenta 38 vídeos curtos de pessoas expressando emoções, sendo que os três primeiros são usados como exemplo da tarefa. O participante deve assistir a cada um dos vídeos e indicar qual ou quais emoções estão presentes, de um rol de oito: alegria, amor, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva e curiosidade. O PEP apresenta estudos que demonstram sua validade, indicando adequada precisão e estrutura interna (Miguel & Primi, 2014), relação moderada com outras medidas de raciocínio (Miguel, Ogaki, et al., 2013), relação baixa ou nula com traços de personalidade (Miguel, Finoto, et al., 2013) e relação moderada com interesse interpessoal e percepção das relações humanas (Miguel & Pessotto, no prelo).

Questionário de Experiência de Intercâmbio (QEI)

O questionário foi desenvolvido para esta pesquisa, com o propósito de fazer levantamento sociodemográfico e apresentar perguntas relativas à experiência no país em que o intercâmbio foi feito. As perguntas possuíam opções de resposta em uma escala Likert de cinco pontos, da seguinte maneira: 1. “Como foi sua recepção no país?” com opções muito ruim, ruim, regular, boa, muito boa; 2. “Você considera que seu nível de socialização com pessoas nativas/daquele país foi:” com opções muito ruim, ruim, regular, bom, muito bom; 3. “Com que frequência você sentia saudades do Brasil?”, “Com que frequência você sentia saudades da sua família no Brasil?”, “Com que frequência você sentia saudades dos seus amigos no Brasil?”, todas com opções nunca, pouca, mediana, muita, sempre; 4. “Como foi sua adaptação no país? (por ex., a comida

local, facilidade de locomoção, fazer compras, etc)” com opções muito ruim, ruim, regular, boa, muito boa.

Procedimentos

O estudo fez parte das pesquisas de validação do PEP, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina (CAAE 20786713.8.0000.5231). O convite para participação foi feito por meio de redes sociais, em três grupos distintos relacionados à temática de intercâmbios. Foi apresentado um link que levava à página inicial da pesquisa, onde o termo de consentimento livre e esclarecido estava exposto. Após concordar com o termo, o participante tinha acesso ao PEP e ao QEI. As respostas foram armazenadas em um banco de dados.

Foram usadas as pontuações no QEI de acordo com a escala Likert de 1 a 5 de cada pergunta. Já no PEP, a pontuação geral de percepção emocional foi transformada em escore z (média 0 e desvio-padrão 1) de acordo com a normatização do teste. Estudos anteriores mostraram a relação dessa pontuação com as áreas de percepção e de conhecimento da inteligência emocional (Miguel & Primi, 2010), por isso foi usada para se verificar a relação dessas capacidades com a experiência de intercâmbio.

Além disso, duas outras pontuações foram estudadas, que são escores de distorção, isto é, o participante atribuir uma emoção que na verdade não estava presente. Outras pesquisas feitas com o PEP mostraram que características de personalidade, e não cognitivas, podem estar por trás dessas distorções (Miguel & Pessotto, no prelo). Verificou-se se distorções de amor e de nojo influenciariam na experiência de intercâmbio. No modelo de funcionamento emocional de Plutchik (2002), no qual o

PEP foi baseado, essas emoções podem ser encaixadas na dimensão aceitação-nojo, englobando sentimento agradável de se sentir aceito e recebido por um grupo de pessoas em um polo ou de expulsão de afetos desagradáveis no outro polo.

As pontuações foram calculadas com base no número de indicações de presença daquela emoção. Assim, um escore de distorção de nojo de -2 indica que o participante percebeu duas expressões de nojo a menos do que as que estão presentes no teste, enquanto um escore de 3 indica que o participante percebeu três expressões de nojo a mais.

Resultados

Em um primeiro momento, os resultados dos participantes nos dois instrumentos foram analisados, e estão apresentados na Tabela 1. No que diz respeito ao PEP, foi possível perceber que a distribuição dos participantes tendeu a englobar uma faixa extensa do construto, embora com uma leve tendência a ter mais indivíduos com níveis maiores da capacidade de perceber e compreender emoções, havendo indivíduos com pontuações inferiores a -1 desvio-padrão e indivíduos com pontuações superiores a 2 desvios-padrão. Ainda assim, a mediana foi próxima de zero, sugerindo uma adequada distribuição de pontuações.

Já a emoção nojo não seguiu uma distribuição como seria esperado, havendo indivíduos que pouco perceberam a expressão real de nojo (mínimo -8), mas pouca distorção para a presença de nojo onde não existia (máximo 1). Dessa forma, o escore de distorção de nojo não capturou distorção para a presença, ficando no espectro apenas da distorção para ausência até a percepção adequada. Por outro lado, a distorção de

amor seguiu uma distribuição esperada, havendo distorção tanto para a presença quanto para a ausência, com mínimo de -2, que é a menor pontuação possível nessa emoção.

Tabela 1.

Estatística descritiva dos resultados dos participantes.

	Mediana	DP	Mínimo	Máximo
PEP				
Percepção emocional	0,09	0,85	-1,20	2,43
Distorção amor	-1	1,87	-2	6
Distorção nojo	-3	1,99	-8	1
QEI				
Recepção	4	0,90	2	5
Relacionamento nativas	4	0,91	1	5
Saudades Brasil	3	0,94	1	5
Saudades família	3	1,20	1	5
Saudades amigos	3	1,04	1	5
Adaptação	4	1,06	1	5

Quanto ao QEI, pode-se perceber que, nas questões de recepção no país, relacionamento com pessoas nativas e adaptação geral, a maioria dos participantes tendeu a relatar níveis bom (4) e muito bom (5). Ainda assim, considerou-se que a distribuição não ficou enviesada, pois houve participantes que atribuíram nível muito ruim (1) ou ruim (2) para sua experiência. Já nas questões de saudades do Brasil, família e amigos, a distribuição foi mais centrada e também bem distribuída.

A fim de se verificar a relação entre os aspectos mais cognitivos da inteligência emocional (percepção e compreensão) e a experiência de intercâmbio, foram realizadas correlações de Spearman entre os instrumentos de avaliação. Os resultados estão apresentados na Tabela 2. Foi possível perceber que nenhuma questão do QEI se correlacionou com os escore geral de percepção do PEP. Esses resultados indicam que as capacidades de perceber emoções nas pessoas e de compreender como as emoções se misturam e transitam não estão relacionadas a experiências de melhor ou pior recepção no país de intercâmbio, de melhor ou pior adaptação naquele país, ou de maior ou menor saudades do país de origem.

Embora a princípio esse resultado pareça ir na contramão do que comumente é sugerido, ou seja, de que inteligência emocional implicaria em melhor adaptação social, ele na verdade permite uma compreensão mais aprofundada do conceito. Conforme revisado na introdução, ainda não existe um consenso quanto ao modelo teórico mais adequado de inteligência emocional, havendo propostas mais focadas nos aspectos cognitivos assim como propostas que também incluem aspectos motivacionais, de personalidade, de autoestima, etc. (Caruso et al., 2015). A presente pesquisa não excluiu a possibilidade de que outras áreas da inteligência emocional, particularmente o gerenciamento emocional, possam estar relacionadas a uma boa experiência de intercâmbio, mas mostrou que as áreas cognitivas não estão relacionadas.

Tabela 2.

Correlações de Spearman entre PEP e experiência de intercâmbio (N=32).

		PEP	Amor	Nojo
Recepção	r	-0,20	0,18	0,08
	p	0,268	0,322	0,654
Relacionamento nativas	r	-0,28	-0,04	-0,40
	p	0,141	0,849	0,034
Saudades Brasil	r	-0,01	-0,10	-0,40
	p	0,948	0,578	0,023
Saudades família	r	0,00	-0,07	-0,51
	p	0,983	0,688	0,003
Saudades amigos	r	-0,15	-0,10	-0,49
	p	0,417	0,599	0,004
Adaptação	r	-0,11	0,374	-0,06
	p	0,631	0,095	0,799

Quanto à percepção de emoções ligadas à aceitação e aprovação social, também não houve relação da percepção de amor com a experiência de intercâmbio, sugerindo que perceber adequadamente ou não que as outras pessoas estão expressando amor não está relacionado a uma melhor experiência no intercâmbio. Por outro lado, houve relação negativa com a percepção de nojo. Nesse sentido, as pessoas que perceberam menos expressões de nojo do que realmente estavam presentes tenderam a relatar melhor relacionamento com as pessoas nativas e maiores níveis de saudade do Brasil, da família e dos amigos.

Esse resultado parece indicar uma situação em que o indivíduo tem uma percepção mais positiva da situação por meio do não reconhecimento de aspectos negativos inerentes a ela, uma vez que a não percepção de nojo indicaria menor capacidade de compreender expressões de aversão, desprezo e nojo nos outros. Isso não necessariamente implicaria em uma interação mais adaptada, afinal o QEI, por ser de autorrelato, coletou impressões que o sujeito teve sobre sua própria experiência com as pessoas nativas e não como foi a experiência concretamente. Da mesma forma, a negação da expressão de nojo também se mostrou relacionada a maior saudade do Brasil, familiares e amigos.

Esses resultados parecem seguir uma interpretação geral comum, ou seja, de que interações sociais interpretadas como mais agradáveis, inclusive ao ponto de sentir saudades quando se viaja para outra cultura, estão relacionadas a menor percepção da expressão de nojo nas pessoas. Já indivíduos com capacidade de perceber claramente expressões aversivas nos outros tenderiam a atribuir menor nível de adaptação nas interações com pessoas nativas e a sentir menos saudades das pessoas que ficaram no país de origem. Ou seja, indivíduos com dificuldade de perceber expressões de nojo podem relatar interações sociais mais agradáveis, mas questiona-se se essas interações seriam de fato mais adaptadas ou apenas uma percepção distorcida que o indivíduo teria por não ser capaz de adequadamente identificar expressões de desagrado nos outros.

Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo estudar os resultados de um teste que avalia duas áreas da inteligência emocional que são consideradas mais relacionadas com

aspectos intelectuais (percepção e compreensão emocional) em pessoas que passaram por experiência de intercâmbio cultural. Os resultados não mostraram correlações significativas, sugerindo que o simples conhecimento de como as emoções transitam e se mesclam e a adequada percepção dessas emoções nos outros não estão relacionados a melhor ou pior adaptação no intercâmbio.

Nas pesquisas levantadas, não foram encontrados estudos anteriores relacionando inteligência emocional com experiência de intercâmbio, o que impossibilita a comparação dos resultados da presente pesquisa com anteriores. Contudo, é possível levar em conta que diversos estudos mostram que um nível maior de inteligência emocional se relaciona a melhores interações sociais, autocuidado, saúde mental e bem-estar (Brackett, et al., 2004; Burrus et al., 2012; Lanciano & Curci, 2014), enquanto menor nível se relaciona a comportamentos antissociais e dificuldades interpessoais (Brackett, et al., 2004; García-Sancho, et al., 2014). A hipótese foi de que maior inteligência emocional se relacionaria a melhor adaptação no intercâmbio, o que não foi confirmado pela presente pesquisa. Por outro lado, esta pesquisa avaliou apenas as áreas de percepção e compreensão, enquanto que os estudos referenciados utilizaram escores gerais de inteligência emocional, englobando outras áreas. A conclusão a que se chegou é que as áreas mais cognitivas não se mostraram relacionadas a adaptação dos intercambistas.

Portanto, outros fatores devem estar contribuindo para melhor experiência de intercâmbio, como autoestima, desenvoltura na comunicação, extroversão, até mesmo outras áreas da inteligência emocional, como gerenciamento, ou mesmo aspectos que escapam a características psicológicas individuais, como contexto político. Esta pesquisa não teve o propósito de sugerir que o conceito de inteligência emocional deva

englobar vários outros aspectos psicológicos além dos cognitivos, o que se alinharia com os modelos mistos (Caruso, et al., 2015). Pelo contrário, entende-se que a mistura de múltiplas características em um único construto acabaria prejudicando a compreensão da diversidade das capacidades humanas, especialmente, como parece ser o caso, quando essas capacidades são pouco relacionadas entre si. Assim, talvez fosse mais parcimonioso realizar análises de perfis considerando-se as influências de diversas características psicológicas do que se buscar uma característica única responsável pelo bem-estar individual.

Além disso, a presente pesquisa encontrou como resultado que características distorcidas de percepção estariam levando os sujeitos a interpretar a realidade de uma maneira diferente. Nesse sentido, pessoas que não percebem adequadamente expressões de nojo, relacionadas a desaprovação e aversão, tendem a relatar interações sociais mais positivas. Como a única forma de avaliação dessas interações foi o autorrelato, não se sabe se tais interações de fato são positivas ou se se trata de uma percepção ingênua, distorcida para o positivo. Conforme encontrado em outras pesquisas (para uma revisão, ver Miguel & Pessotto, no prelo), a distorção na percepção se relaciona a maneiras como as pessoas se comportam. Assim, os resultados confirmam esse fato psicológico, indicando que perceber menos sinais de reprovação pode levar a uma interpretação da realidade de maneira mais positiva.

Sendo uma pesquisa pioneira relacionando inteligência emocional com adaptação de intercambistas, algumas limitações metodológicas puderam ser encontradas, havendo sugestões para futuras pesquisas. A capacidade de percepção de emoções foi avaliada depois dos sujeitos terem regressado do intercâmbio, e essa capacidade pode ter se alterado ao longo do tempo. Seria recomendável uma pesquisa

que avaliasse os participantes enquanto estão na experiência de intercâmbio. Além disso, a avaliação de outras características psicológicas potencialmente relacionadas à inteligência emocional deveria ser feita, a fim de se ter uma compreensão mais ampla tanto da capacidade quanto das distorções de percepção. Nesse sentido, uma avaliação mais completa poderia contemplar outros aspectos não-cognitivos, como a área de gerenciamento emocional ou mesmo traços de personalidade, a fim de verificar com quais conceitos psicológicos a melhor adaptação em intercâmbio está relacionada.

Além disso, os resultados indicaram que distorções na percepção emocional podem levar a uma interpretação melhor ou pior da interação social. Por isso se sugere que futuras pesquisas continuem avaliando as distorções e relacionando-se com outras medidas que vão além do autorrelato. Por exemplo, poderia ser utilizado um questionário semelhante de experiência de intercâmbio que fosse respondido também pelas pessoas com quem o sujeito interagiu.

Referências

- ARI, Assessoria de Relações Internacionais. (n.d.). *Intercâmbio acadêmico para alunos da UEL*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Recuperado em 09 de outubro, 2015, de <http://www.uel.br/ari/>
- Brackett, M. A., Mayer, J. D., & Warner, R. M. (2004). Emotional intelligence and its relation to everyday behaviour. *Personality and Individual Differences*, 36(6), 1387–1402. doi:10.1016/S0191-8869(03)00236-8
- Burrus, J., Betancourt, A., Holtzman, S., Minsky, J., MacCann, C., & Roberts, R. D. (2012). Emotional intelligence relates to well-being: Evidence from the

- situational judgment test of emotional management. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 4(2), 151–166. doi:10.1111/j.1758-0854.2012.01066.x
- Caruso, D. R., Salovey, P., Brackett, M., & Mayer, J. D. (2015). The ability model of emotional intelligence. In S. Joseph (Ed.), *Positive Psychology in Practice* (pp. 543–558). Hoboken, NJ, USA: John Wiley & Sons. doi:10.1002/9781118996874.ch32
- Cobêro, C., Primi, R., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional e desempenho no trabalho: Um estudo com MSCEIT, BPR-5 e 16PF. *Paidéia*, 16(35), 337–33487. doi:10.1590/S0103-863X2006000300005
- COI, Coordenadoria de Cooperação Interinstitucional e Internacional. (2013). *Manual do intercâmbio*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Recuperado em 09 de outubro, 2015, de http://www.mackenzie.br/fileadmin/ACOI/docs_permanentes/Manual_do_Intercambio_2013.pdf
- Dalmolin, I. S., Pereira, E. R., Silva, R. M. C. R. A., Gouveia, M. J. B., & Sardinheiro, J. J. (2013). Intercâmbio acadêmico cultural internacional: Uma experiência de crescimento pessoal e científico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(3), 442–447. doi:10.1590/S0034-71672013000300021
- Dantas, M. A., & Noronha, A. P. P. (2006). Inteligência emocional: Validade discriminante entre MSCEIT e 16PF. *Paidéia*, 16(33), 59–70. <http://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000100009>
- García-Sancho, E., Salguero, J. M., & Fernández-Berrocal, P. (2014). Relationship between emotional intelligence and aggression: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 19(5), 584–591. doi:10.1016/j.avb.2014.07.007

- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Herodotou, C., Kambouri, M., & Winters, N. (2011). The role of trait emotional intelligence in gamers' preferences for play and frequency of gaming. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1815–1819. doi:10.1016/j.chb.2011.04.001
- Jesus Jr., A. G., & Noronha, A. P. P. (2007). Inteligência emocional e provas de raciocínio: Um estudo correlacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 480–489. doi:10.1590/S0102-79722007000300016
- Laborde, S., Brüll, A., Weber, J., & Anders, L. S. (2011). Trait emotional intelligence in sports: A protective role against stress through heart rate variability? *Personality and Individual Differences*, 51(1), 23–27. doi:10.1016/j.paid.2011.03.003
- Lanciano, T., & Curci, A. (2014). Does emotions communication ability affect psychological well-being? A study with the Mayer–Salovey–Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) v2.0. *Health Communication*, 1–10. doi:10.1080/10410236.2014.921753
- MacCann, C., Joseph, D. L., Newman, D. A., & Roberts, R. D. (2014). Emotional intelligence is a second-stratum factor of intelligence: Evidence from hierarchical and bifactor models. *Emotion*, 14(2), 358–374. doi:10.1037/a0034755
- Mayer, J. D., Roberts, R. D., & Barsade, S. G. (2008). Human abilities: Emotional intelligence. *Annual Review of Psychology*, 59, 507–536. <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093646>
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1999). O que é inteligência emocional? In P. Salovey & D.

- J. Sluyter (Eds.), *Inteligência emocional na criança: Aplicações na educação e no dia-a-dia* (pp. 15–49). Rio de Janeiro: Campus.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D. R., & Cherkasskiy, L. (2011). Emotional intelligence. In R. J. Sternberg & S. B. Kaufman (Eds.), *The Cambridge handbook of intelligence* (pp. 528–549). New York: Cambridge University Press.
- Miguel, F. K., Finoto, B. A. S., & Miras, B. D. (2013). Percepção emocional e traços de personalidade: Estudo de validade divergente. *Encontro: Revista de Psicologia*, 16(24), 107–120.
- Miguel, F. K., Ogaki, H. A., Inaba, C. M., & Ribeiro, D. O. (2013). Percepção emocional e inteligência: Contribuições para o modelo CHC. *Revista Sul-Americana de Psicologia*, 1(1), 36–47.
- Miguel, F. K., & Pessotto, F. (no prelo). “Projective” aspects on cognitive performance: Distortions in emotional perception correlate with personality. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Miguel, F. K., & Primi, R. (2010). Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias para avaliação de adultos. In M. C. R. A. Joly & C. T. Reppold (Eds.), *Estudos de testes informatizados para avaliação psicológica* (pp. 231–245). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miguel, F. K., & Primi, R. (2014). Estudo psicométrico do Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 1–9.
- Muniz, M., & Primi, R. (2008). Inteligência emocional e personalidade avaliada pelo Método de Rorschach. *Psico (Porto Alegre)*, 39(1), 48–57.
- O’Boyle, E. H., Humphrey, R. H., Pollack, J. M., Hawver, T. H., & Story, P. A. (2011).

- The relation between emotional intelligence and job performance: A meta-analysis. *Journal of Organizational Behavior*, 32(5), 788–818. doi:10.1002/job.714
- Plutchik, R. (2002). *Emotions and life: Perspectives from psychology, biology and evolution*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185–221. doi:10.2190/DUGG-P24E-52WK-6CDG
- Sebben, A. (2007). *Intercâmbio cultural: Para entender e se apaixonar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Swami, V., Begum, S., & Petrides, K. V. (2010). Associations between trait emotional intelligence, actual–ideal weight discrepancy, and positive body image. *Personality and Individual Differences*, 49(5), 485–489. doi:10.1016/j.paid.2010.05.009
- Woyciekoski, C., & Hutz, C. S. (2010). Inteligência emocional avaliada por autorrelato difere do construto personalidade? *Psico-USF*, 15(2), 151–159. <http://doi.org/10.1590/S1413-82712010000200003>
- Zeidner, M., Shani-Zinovich, I., Matthews, G., & Roberts, R. D. (2005). Assessing emotional intelligence in gifted and non-gifted high school students: Outcomes depend on the measure. *Intelligence*, 33, 369–391. doi:10.1016/j.intell.2005.03.001

Submissão: 09/10/2015

Última revisão: 02/04/2016

Aceite final: 14/05/2016